



## Movimento Unificador

Se considerarmos o esplendor verdadeiramente divino da Doutrina espírita, a clareza meridiana dela, o seu poder inigualável de convicção e a sua finalidade positivamente reformadora dos conhecimentos filosófico-religiosos e do caráter humano, o movimento de unificação dos espíritas vem a representar o mais útil, o mais necessário e o mais lógico ideal de todos os crentes que verdadeiramente desejam cooperar na edificação do reino de Deus, em todos os quadrantes do nosso Planeta. A reforma que se impõe ao Mundo está intimamente relacionada com todas as transcendentes questões expostas e estudadas pelo Espiritismo. Há necessidade de explana-las, de divulgá-las, de torná-las cada vez mais conhecidas por todos os homens do Planeta Terra; essas idéias, esses postulados, essas crenças são o elemento essencial de que os seres humanos estão necessitados, a fim de que se transformem, nos seus sentimentos e nos seus conhecimentos, para que o Mundo também seja modificado no que diz respeito à sua vida social. Sem resolver, antes, os problemas de sua imortalidade e de sua evolução através do princípio das reencarnações, o homem continuará agarrado, cegamente agarrado ao mundo de César, e somente ao mundo de César, trazendo o mundo de Deus apenas nos seus lábios, fazendo com que as atividades sociais de cada um e de todos girem apenas no círculo estreito dos interesses imediatistas e utilitaristas de tudo o que concerne ao mundo material. O mundo das causas, que é o mundo do Espírito, esse ficará relegado para o plano fútil das aparências sociais, para o plano dos ideais que devem permanecer no papel sem jamais merecerem o esforço ou o sacrifício de serem realizados, porque são ideais utópicos, ideais dos sonhadores ou dos fracassados do mundo. O Espiritismo, demonstrando, de forma científica e filosófica, a sobrevivência e a evolução através das reencarnações sucessivas, traz as chaves, as únicas chaves que podem abrir o templo da felicidade humana através, ao mesmo tempo, da reforma íntima dos conhecimentos acerca da vida espiritual e dos sentimentos humanos. Esse é um dos objetivos visados pelo movimento de unificação dos espíritas.

O outro objetivo principal é a exemplificação do espírito de solidariedade humana, individual e coletiva, por parte dos espíritas, em todos os setores humanos. Se todos os espíritas tivessem conhecimento seguro da Doutrina, na sua essência kardeciana, e soubessem associar esse conhecimento imprescindível à não menos imprescindível noção de responsabilidade daí decorrente, se, principalmente, sentissem que a Doutrina é o restabelecimento e o natural complemento do Cristianismo de há dois mil anos, então o movimento de unificação dos espíritas seria um ideal vitorioso desde o seu primeiro instante. Isso, porém, não se deu e ainda não se dá. Os escolhos que o movimento tem encontrado são imensos. Bem o disse já o Mestre, que grande era a seara e poucos os trabalhadores dela! Trabalhadores do primeiro momento sempre tem havido, mas, via de regra, trabalhadores não revestidos das virtudes cristãs da humildade, do espírito de renúncia e de perseverança.

Já o disse Kardec que o movimento espírita deveria se processar sempre apoiado nas bases do Trabalho, da Solidariedade e da Tolerância. Sem devoção à causa, sem espírito de renúncia, sem humildade e sem a necessária perseverança, jamais alguém poderá ser utilizado pelo Alto em tarefas de âmbito mais largo, em movimentos de repercussões mais profundas e benéficas para a Humanidade. Todos sabemos que o movimento espírita é dessa envergadura, pois, segundo os Espíritos que o orientaram, e segundo Kardec, que o codificou, ele é presidido e orientado por Jesus, o Instrutor supremo do nosso Planeta. A vista disso, não se compreende como uma boa parte dos espíritas ainda permaneça indiferente, senão contrária, ao movimento de unificação, o qual não visa senão preparar elementos adaptados, ou mais adaptados, para o grande e necessário trabalho da regeneração humana, sob a égide augusta do Divino Mestre.

As ingentes tarefas do Espiritismo, como Doutrina de reforma íntima de cada indivíduo e reforma geral da vida social, são de tal forma universais, que jamais poderão ser realizadas sem o concurso assíduo, consciente e perseverante de grandes agrupamentos humanos de espíritas plenamente cientes dos postulados básicos da Doutrina, e profundamente conscientes de suas elevadas responsabilidades para com a Lei Divina, para com Jesus e para com a Humanidade.

É preciso, pois, despertar, de modo persuasivo, mas enérgico, a multidão de Confrades que ainda permanecem indiferentes ou contrários ao idealismo sincero e cristão do atual movimento de unificação. Ou nós, fraternalmente, os despertaremos, ou a dor e o remorso os despertarão mais tarde, de modo talvez violento e molesto.

O Espiritismo provém de Jesus, e certamente muito espera dele de cada espírita, a bem do próprio espírita e do mundo. Atentemos bem para o chamamento d'Ele, e trabalhemos na Sua seara "enquanto é dia".

## AMAMOS A DEUS

Amemos a Deus sobre todas as coisas, procurando-lhe o Reino de Amor, cuja edificação devemos contribuir.

Auxiliemos ao nosso próximo, tanto quanto desejamos ser auxiliados.

Cumpramos, de boa vontade, os deveres de cada dia.

Honremos nossos familiares, ajudando-os quanto nos seja possível.

Procuremos não prejudicar a ninguém.

Trabalhemos com alegria servindo a todos, em nosso próprio favor.

Desculpemos as faltas alheias, compreendendo quanto erramos por nossa vez.

Não cobicemos dos outros senão as virtudes e as qualidades respeitáveis que nos compete imitar em nosso roteiro comum.

Busquemos não realizar despesas além das nossas possibilidades, ainda mesmo que essa medida nos custe sacrifícios ingentes.

Conserve-mos a boa saúde, através dos hábitos dignos, espalhando, em torno de nós, a alegria e a fé, o otimismo e a confiança.

Não nos cansemos de aprender, entendendo que o progresso da alma é infinito, no espaço e no tempo.

Vivamos o nosso dia, com as bênçãos do serviço e do estudo, do entusiasmo no bem e do concurso fraterno, com paciência e boa vontade, à frente de todas as situações, de todas as pessoas e de todas as coisas, na certeza de que poderemos ser convidados à prestação de contas de nossa vida, a qualquer momento, e assim estaremos habilitados a viver diante do Senhor e diante das criaturas, cumprindo fielmente a Divina Lei.

EMMANUEL

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier)

## POR QUE O CRISTIANISMO

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

Os Espíritos que revelaram a Doutrina espírita ao mundo por intermédio de Kardec deixaram bem patente que se tratava da manifestação de O Consolador prometido ou anunciado por Jesus. Kardec aceitou essa orientação, designando o Espiritismo como a Terceira Revelação, sendo o Mosaísmo a Primeira e o Cristianismo a Segunda.

Entre os nossos confrades existem os que acham que essa orientação foi seguida ou recomendada pelos Espíritos apenas por uma questão de boa política deles, visto que a Revelação da Doutrina foi codificada no Ocidente, que é a parte do Mundo por onde mais intensamente se difundiu o Cristianismo através do Evangelho.

Nessa ordem de idéias penso ser preciso considerar o fato de a civilização vir caminhando sempre, conforme se constata pelo estudo da História, do Oriente para o Ocidente, e cada vez mais para o Ocidente. A Ciência, estudando acuradamente os problemas atinentes à matéria, ameaçava implantar no Mundo inteiro a Doutrina materialista. Era pois absolutamente necessário que aí também no Ocidente se implantasse um movimento religioso ou espiritualista com bases sólidas, apoiada na realidade dos fatos naturais, encarada de forma científica, e preparada para orientar a Humanidade essencialmente racionalista de nossa época. A partir do século vinte, todos os conhecimentos humanos terão que sofrer a análise rigorosa da razão antes de serem aceitos e postos em prática. O Cristianismo de nossos tempos, bem diferente daquele de há dois mil anos, não se apresentava nessas condições. Eis uma das razões por que o Espiritismo se codificou no Ocidente e aqui também se desenvolveu primeiro, apresentando-se como a natural continuação do Cristianismo.

Penso, porém, que não é essa a única razão por que o Espiritismo foi apresentado ao Mundo como a complementariedade natural do Cristianismo. Há, pelo menos, mais duas sérias razões por que as coisas assim se apresentassem. A primeira é que o Cristianismo representa a síntese de tudo o que há de melhor e de verdadeiro em todas as religiões que o precederam, devendo, por isso mesmo, se tornar a Religião da Humanidade futura, isto é, aquela filosofia espiritualista que deverá orientar todos os pensamentos e todas as ações no sentido da Vontade de Deus, ligando assim, consciente, voluntária e permanentemente, a criatura ao Criador, através de toda a criação. Nenhuma religião se sentirá menosprezada ou diminuída com a implantação do Cristianismo verdadeiro de há dois mil anos, porque ele encerra e respeita a essência verdadeira de todas elas. Dessa difícil adaptação se incumbirão os Espíritos que realmente se integrarem na Doutrina, mas, principalmente dela se incumbirão os Espíritos da falange Verdade, os quais estarão presentes em todos os pontos do Planeta onde

houver oportunidade e necessidade da divulgação daquela filosofia de Vida revelada por eles mesmos ao Mundo na síntese kardeciana.

A segunda razão por que o Espiritismo se apresenta como o Cristianismo que se restabelece e se complementa, reside na própria natureza do Cristo, na personalidade de Jesus. Em um momento de inspiração divina disse Pedro: "Tu és o Cristo, Filho de Deus Vivo". No início do Evangelho segundo João se lê: "Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que foi feito, feito foi sem ele." No fim de suas anotações, afirma o mesmo evangelista que "outros muitos prodígios ainda fez também Jesus em presença de seus discípulos, que não foram escritos nesse livro. Mas foram escritos estes a fim de que vocês creiais que Jesus é o Cristo Filho de Deus; e de que, crendo-o assim, tenhais a vida em seu nome".

Esses conceitos acerca do caráter íntimo da personalidade de Jesus, escritos há quase dois mil anos, recebem hoje a sanção autorizada de Emanuel, através da mediunidade segura de Chico Xavier.

A este respeito, eis algumas das afirmativas de Emanuel, em "A caminho da Luz": "Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos". "Sim, Ele havia vencido todos os pavores das energias desencadeadas; com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopo da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe que a Sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas". "A gênese de todas as religiões da humanidade tem suas origens no seu coração augusto e misericordioso. Não queremos, com as nossas posições, divinizar, dogmáticamente, a figura luminosa do Cristo, e sim, esclarecer a sua gloriosa ascendência na direção do orbe terrestre, considerada a circunstância de que cada mundo, como cada família, tem seu chefe supremo, ante a justiça e a sabedoria do Criador".

Querem essas expressões meridionalmente claras afirmar, de modo categórico e insofismável, que Jesus recebeu a incumbência de orientar a Vida em nosso Planeta desde os primeiros instantes, após o seu afastamento da nebulosa solar. Se assim é, e os nossos informantes merecem de nós toda a confiança, se Jesus é, desde os primeiros instantes da vida planetária o Cristo da Terra, evidentemente é Ele o nosso único Mestre, e nenhuma outra doutrina deverá orientar a Humanidade na sua marcha evolutiva para a Vontade do Criador, senão a d'Ele.

Emanuel diz mais: "A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos, está clarificada pela luz dos seus poderosos emissários. E muitos deles, tão bem se houveram no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, que foram havidos como sendo Ele próprio, em reencarnações sucessivas e periódicas do seu divinizado amor. No Manavadarma encontramos a lição do Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tseu, Confúcio; nas crenças do Tibé está a personalidade de Buda e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Maomé. Cada raça recebeu os seus instrutores, como se fosse Ele mesmo chegando das resplandecências de sua glória divina".

Acredito que as razões aqui expostas esclarecerão suficientemente os confrades acerca dos motivos por que os Espíritos apresentaram o Espiritismo como a continuação e o restabelecimento do Cristianismo, colocando Jesus, o Cristo, como a figura máxima da evolução planetária, aquela cuja Doutrina deverá ser estudada, aceita e vivida por toda a Humanidade do planeta Terra.

# ENRICO FERMI E A GRANDE SÍNTESE

SÉRCIO VALE

Vítima do câncer, faleceu, aos 53 anos, na sua pátria adotiva — Estados Unidos — o pioneiro da era atômica, o maior físico nuclear do mundo, prêmio Nobel de 1938, o idealizador e o realizador do reator atômico, que desviou o curso da civilização e investiu a grande potência americana na direção material e moral do mundo.

Há 20 anos (1934) Fermi desintegrou o átomo (àquele tempo não se percebeu todo o alcance da experiência), bombardeando com nêutrons; há 16 (1938), foi a Estocolmo com a sua família para receber o prêmio Nobel e para não mais voltar à Itália, libertando-se do "homem providencial" e explicando-se em poucas e significativas palavras: "há um limite que alguém está disposto a tolerar"; há 15 anos (1939) fizeram-no Professor de Física da Universidade de Columbia, em Nova York; há 14 (1940), integrou a comissão de físicos que induziram o presidente Roosevelt à conquista das armas atômicas; há 13 (1941), construiu-se na Universidade de Columbia a estrutura de grafite e urânio para o bombardeio com os nêutrons; há 12 (1942), nos laboratórios da Universidade de Chicago, produziu-se a primeira reação atômica em cadeia.

Poucos dias antes do seu trespassar, já condenado pelo câncer, recebeu o último prêmio de 25.000 dólares com que os americanos lhe recompensaram a superioridade atômica de que desfrutaram presentemente.

Eis, resumidamente, os marcos principais da vida deste italiano, feito cidadão americano para se livrar do regime de força que conspirou, durante mais de 20 anos, a gloriosa Itália.

Era, por conseguinte, um sábio, cuja sensibilidade sofria as influências do ambiente social e reagia contra elas em manifestações inenunciáveis, por meio de gestos e palavras corajosas que lhe poderiam acarretar o ódio assassino dos ditadores, os quais, antes de enforcados ou fuzilados em praças públicas, costumam tripudiar sobre os cadáveres de seus opositores, inaugurando solenemente os precedentes de que serão o derradeiro número da série, e que ilustram as histórias de muitas tiranias.

Fermi era um cientista completo, da mesma estirpe de Newton, de Pasteur e de Einstein. A intuição divinatória do gênio mergulhava profundamente nos segredos das leis divinas, porque as suas mãos eram puras, porque o componente moral, a que não se curvam somente as bestas apocalípticas, lhe abriu, da par em par, aquele cofre onde o Criador esconde os tesouros da ciência aos indignos e aos maus.

Italiano de nascimento, Professor universitário, marido de Laura e pai de Nella e Giulio, enquanto a Itália imortal, mãe prolífica de tantos filhos que são patrimônio imperecível da Humanidade, inferiorizava-se na idolatria a Mussolini, incensado e aclamado até por príncipes da Igreja, Enrico Fermi, homem de intuição científica, amigo intrínseco e praticante da liberdade, respeito da dignidade humana, "periculosamente", como se aconselhava então, desquitou-se das garras de um nacionalismo anacrônico, errado e doentio, para respirar o ar puro da democracia americana, de que se tornou enteado.

Enrico Fermi transplantou-se para os Estados Unidos; Pietro Ubaldi, há dois anos, agasalhou-se no Brasil. Mereceram os Estados Unidos, país detentor da riqueza e da força, interventor providencial e vitorioso nas confedadas do velho mundo, duas vezes ensandecido neste século pela praga dos ditadores, a colaboração científica de um sábio italiano, que concorreu decisivamente para lhe pôr nas mãos robustas e cristãs, o cetro com que a Humanidade se livrará da escravidão gerada pelo fanatismo materialista. Mereceu o nosso Brasil, terra da pobreza e da humildade, herança de raças que amargaram a escravidão durante quatro séculos, gente sem preconceitos e sem orgulho, oásis da fraternidade e da tolerância, onde os problemas humanos e sociais que aos outros povos custaram sangue e morte — guerras, força, cadeia elétrica, campos de concentração — resolvem-se apenas pelo derramamento de algumas lágrimas e mandados do depejo aos ditadores (quando não se suicidam); onde o arbiteramento foi sempre o recurso soberano com que a diplomacia de um Rio Branco desdous os conflitos in-

ternacionais e onde a voz "eloquent à miracle" de Rui Barbosa apostolou em Haia, aos grandes e poderosos, a sublimidade do princípio cristão — todas as nações soberanas são iguais entre si — mereceu o Brasil ser o domicílio da mediunidade prodigiosa de Ubaldi que, através de A GRANDE SÍNTESE, acordou a inteligência universal e entornou todos os corações que acreditam na justiça substancial de Deus.

Confirmou-se a nossa predestinação histórica — pátria que, apesar das suas frustrações e do seu ufanismo, especializar-se-á na exemplificação da fraternidade que o Cristo nos ensinou e que, um dia, iluminará o mundo.

Dos italianos, o cientista da física nuclear que tinha em respeito o mundo do espírito e o aparelho preposto à captação de correntes metapsíquicas que nos instruem, cientificamente, a respeito da nossa razão de existir — evolução em todos os sentidos — trouxeram às duas Américas os princípios soberanos da espiritualidade e da moralidade — poder da força atômica, único argumento, infelizmente, capaz de conter e vencer os energúmenos que teimam na brutalização e na escravização do homem e no desprezo à sua dignidade de deuses.

Entre Fermi e Ubaldi, entre a ciência e a intuição nas suas manifestações mais puras, houve uma troca de correspondência da qual é bom tomarmos conhecimento os mestres desdenhosos da filosofia materialista. Ambos concordaram em que Goethe tinha razão, quando teorizou nas "Conversações com Eckermann": "Nenhuma produção de ordem superior, nenhuma invenção jamais foi devida ao homem: sempre jorrou de uma fonte ultraterrena. O homem, portanto, deveria considerá-la como um dom inesperado do Alto e aceitá-la com reconhecimento e veneração. Em tais circunstâncias, ele mais não é do que instrumento de uma potência superior, qual vaso julgado digno de receber um conteúdo divino".

Em A GRANDE SÍNTESE uma Voz sobre-humana advega da modo irreplicável a lei das leis, a Lei da Evolução. Dentro do seu monismo, o macrocosmo e o microcosmo, a matéria e o espírito, a ciência e a espiritualidade, os instintos e a intuição, tudo se harmoniza, tudo se completa, tudo se explica através de um pensamento unitário, que nos dá do Universo e de Deus a concepção mais racional de nossos dias.

Nas suas páginas, cada estudioso encontrará a solução dos problemas pelos quais se extenua: para o espiritista Bozzano, ela é "a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica de ordem científica que se conhece em metapsíquica"; para o cientista Trespioli, professor italiano, é "uma obra rica de conceitos, profunda e que produz uma sensação de surpresa e verdadeiro assombro, de real valor científico"; para o filósofo e cientista belga, Prof. Schaefer, ela desenvolve "uma concepção monista e naturalista da estrutura estritamente científica e cujo valor é indiscutivelmente grandíssimo". O Prof. Stopponoli, catedrático de Anatomia Descritiva, Histologia e Embriologia da Universidade de Camerino, encarece o valor da mediunidade no campo científico e classifica A GRANDE SÍNTESE como "verdadeiramente surpreendente, porquanto os conceitos emitidos são realmente científicos, de um profundo conhecedor da Química".

Enrico Fermi, leitor assíduo das obras de Ubaldi, observou-lhe que a sua intuição se antecipara à ciência do tempo, caminhando à frente da matemática de Einstein. Quando este, em 1950, emitiu a "teoria generalizada da gravitação e teoria do campo unificado", favorável à concepção monista e unitária do cosmos, já contida, aliás, em A GRANDE SÍNTESE, Fermi escreveu ao seu patricio advertindo-lhe que lhe cabia a prioridade do novo conceito.

Ubaldi, em 1932, já havia sido informado, mediúnicamente, de que a gravitação é a protoforma dinâmica de todas as radiações. Comentando os trabalhos anteriores de Einstein, sobre os desvios sofridos pelos raios luminosos estelares nas vizinhanças do sol (Vide A GRANDE SÍNTESE, p. 134), por que são atraídos por ele, acrescentou: "Poder-se-ia dizer que a luz pesa, isto é, que a luz sofre o influxo dos impulsos atrativos e repulsivos de ordem gravífica; existe uma pressão das radiações luminosas. Dizei mais: todas as radiações exercem, em

suas propagação, uma pressão de ordem gravífica; apresenta fenômenos de atração e repulsão, em relação direta com as suas proximidades genéticas, na sucessão evolutiva e com a sua protoforma dinâmica, a gravitação".

Meditem os sectaristas da matéria, que somente se apascentam da matéria e se demasiam em derredor da matéria, as seguintes expressões de Fermi, a propósito da intuição de Ubaldi. Primeiro, ele se refere, aprobativamente, a Goethe: "Nenhuma produção de ordem superior, nenhuma invenção jamais foi devida ao homem, mas surgiu de fonte ultraterrena". Depois faz a seguinte restrição: "Há uma disciplina superior, uma verdadeira ars regia, que completa a inspiração vinda do Alto, a percepção passiva, transformando o escolhido em instrumento de um poder superior".

O instrumento precisa contribuir não somente com a moralidade, mas com o conhecimento das leis cósmicas e da estrutura do espírito humano. Quando este sintoniza com as leis cósmicas (como no caso de Ubaldi), torna-se capaz de exprimir verdades desconhecidas.

Finalmente, dêste modo Fermi aquilata o merecimento de Ubaldi:

"SEU ENORME PODER INTUITIVO TRAÇOU UM QUADRO DE FILOSOFIA CIENTÍFICA (em "A GRANDE SÍNTESE") E DE ANTROPOLOGIA

## PRAZER E DOR

ARY LEX

Prazer e dor são fatos simples e primitivos e base de todos os estados afetivos. Como são opostos, procurou-se saber qual é o positivo: o prazer ou a dor.

A escola pessimista, cujos principais defensores foram Epicuro, Schopenhauer e Hartman, considera a dor como o fato primitivo, sendo o prazer a "não dor", ou melhor, a ausência da dor. Considera essa escola o estado geral do homem como uma série infinita de desejos, os quais, sendo satisfeitos, longe de desaparecerem, multiplicam-se. Para os defensores dessa teoria, a vida é uma ação contínua, em que lutamos impelidos pelo nosso desejo, buscando sempre obter as causas desejadas. A não obtenção dessas coisas redundam em dor. Como a vida é essencialmente querer, viver é sofrer. Ador é fato primitivo e o prazer, secundário.

Os otimistas acham que o prazer é tudo que há de positivo. Viver é agir, é expandir-se. Viver é trabalho e no trabalho está a felicidade. A conquista do saber, se bem que penosa, traz felicidade. Como a vida é uma sucessão de emoções e um acúmulo de cabedais psíquicos, viver é gozar. Segundo os otimistas, pois, o prazer é o fato primitivo e a dor, secundário.

Ao lado dessas duas escolas, há uma terceira, ensinando que prazer e dor são ambos positivos, pois um não implica em negação do outro. Nem tudo é prazer e nem tudo é dor, mas tanto um como outro são fatos primitivos.

Ao espírito, não importa considerar qual o fato primitivo. Os instantes de prazer e dor são ambos movimentos fecundos para nossa alma. Na dor, revelam-se os temperamentos fortes. Na adversidade, desenvolvem-se talentos nunca suscetíveis de desabrocharem nos momentos felizes. Na dor, acrisolam-se as virtudes. Os que têm fé em uma justiça onipotente, recebem-na com estoicismo. Toda dor suportada com resignação reverte em nova potencialidade do Espírito.

De sua parte, o prazer proporciona grandes possibilidades de progresso. Aquêle que, de dentro do conforto de sua vida, tem a coragem de lançar os olhos para os catres onde gemem e sofrem doentes miseráveis, para as sarjetas onde rolam os corpos dos indigentes, para os antros onde se refocilam os sem-família e sem-Deus,

ÉTICO-SOCIAL, QUE DEIXA DE LONGE AS TENTATIVAS SIMILARES DO ÚLTIMO SÉCULO — PELA AMPLITUDE DA TRAMA E PELA SINGULAR NOVIDADE DO MÉTODO DE QUE SE UTILIZOU E DA SENDA QUE SEGUIU: A DA INTUIÇÃO, COMO ÉLE PRÓPRIO O DISSSE. ESTA, DE FATO, NÃO VEIO AO MUNDO COM ÉLE, POIS HÁ SIDO POSTA EM AÇÃO, AB IMMÉMORABILI, POR ARTISTAS, SÁBIOS, VIDENTES; NUNCA, PORÉM, FOI EMPREGADA ASSIM, COM UMA TÉCNICA AO MESMO TEMPO RIGOROSA, CLARA E CONSCIENTE".

Como se depreende, a única divergência entre Goethe e Fermi, se ambos analisarem Pietro Ubaldi e as suas obras, seria a seguinte:

Goethe diria: — Eis um instrumento que deve aceitar com gratidão e veneração, as verdades que a fonte ultraterrena lhe revelou, para nossa felicidade. Fermi acrescentaria: — Eis o médium apropriado, conhecedor das leis cósmicas e da estrutura do espírito humano que, pela sua elevada espiritualidade, nos revela verdades desconhecidas.

Que os nossos irmãos, ainda indiferentes à espiritualidade geradora da paz, da tolerância, da beleza moral e da fraternidade universal, oíçam a voz de Goethe, a voz de Ubaldi e a voz de Fermi, esta emudecida agora para os nossos ouvidos físicos, mas audível, eternamente viva para a nossa convicção na imortalidade do espírito humano.

e que faz alguma coisa para aliviar esses padecimentos e diminuir essa miséria, esse, mesmo dentro de sua felicidade material, está evoluindo. Nossa felicidade só será completa quando soubermos que ela não repousa sobre a infelicidade alheia.

Porisso, as grandes fortunas, quando obtidas à custa da exploração do nosso semelhante, nunca poderão trazer felicidade.

Ninguém se pode furtar à grande lei da evolução. Sempre é possível progredir, em qualquer posição social ou em qualquer época da vida. Nunca é tarde demais para remir culpas ou para aperfeiçoar o caráter.

O Espiritismo nos ensina que todas as ações repercutem no nosso futuro. A sábia lei de causa e efeito determina que as consequências sejam proporcionais aos atos. As ações praticadas nesta existência, período curtíssimo da vida do Espírito, não tem o poder de predestinar o ser à felicidade ou à desgraça eternas. Os sofrimentos ou os prazeres futuros estarão em relação com o mal ou o bem praticados nesta existência.

Todos têm de evoluir. Ninguém está fadado à perdição eterna. Os que praticam o mal, pagá-lo-ão, hoje ou mais tarde. A justiça cumprirá-se. Mas, também eles, os que erraram, após as hesitações e erros de alguns períodos, entrarão na trilha sublime do bem. Também eles evoluirão, pois nenhum dos seres está fadado a sofrer eternamente. Deus não desampara nenhum de seus filhos. Permitte-lhes sempre novas ocasiões de se regenerarem.

Que estímulo grandioso nos proporciona a Terceira Revelação! Ao que praticou o mal e se julga irremediavelmente perdido, consola: "Homem, tu não és réprobo. És uma alma imortal, sedenta de luz. Erraste, mas podes regenerar-te. Se praticaste o mal, Deus te permitirá oportunidade para o resgatares. Aproveita-a e vencerás". Ao que pratica o bem, exalta, dizendo: "Continua, batalhador, a tua tarefa. Não desanimes nunca. Nada do que fazes é inútil. Se és hoje vítima de injustiça, não te julgues desamparado, pois a verdadeira justiça há de se cumprir. Convence-te de que só com esse proceder é que evoluirás. Tu és o arquiteto nobre e poderoso, que, pedra a pedra, há de erguer o suntuoso edifício da tua personalidade".

# Passé Espiritual e Passé Material (1)

IV

José CARLOS JORDÃO DA SILVA

Todos os estudiosos do assunto dividem o passé em duas modalidades: o passé espiritual e o passé material. Haverá porém uma diferença essencial entre essas duas espécies de passé?

Segundo podemos concluir das afirmações de diversos passistas, os quais mediram o comprimento de onda das irradiações eletromagnéticas, parece haver apenas uma diversidade quanto à frequência e comprimento de onda em um e outro caso.

Paul Pinceloup, passista, de natureza extremamente mística, porém hábil experimentador, mediu o comprimento de onda da modalidade de passé por ele utilizada, a qual denomina de "passé astral psíquico" e achou 102 angstrom. Pinceloup diz que o seu passé não provém do magnetismo animal, mas sim do "astral psíquico" onde operam os Espíritos. Considera ainda esse pesquisador francês que tal forma de passé tem maior comprimento de onda que a do por nós chamado passé material.

Discordamos dessa sua consideração por razões que passaremos a expor.

Se considerarmos que a experiência de Pinceloup não foi realizada medindo diretamente as ondas eletromagnéticas provenientes dos "ope-

radores espirituais", mas sim depois delas passarem pelo passista, nesse caso o próprio Pinceloup, justificaremos um pequeno aumento por nós encontrado na medida do comprimento de onda de tal radiação.

Acertando como correta a experiência de Pinceloup, teríamos que colocar as radiações do passé espiritual entre as já conhecidas da física: os raios X e os raios ultravioletas, cujos comprimentos de onda para aqueles vão de 0,01 angstrom a 100 angstrom e para estes de 100 angstrom a 4.000 angstrom.

O Angstrom é a unidade, usada em física ondulatória, para a medida do comprimento de onda e está relacionada com o milímetro pela seguinte equação: 1 Angstrom =  $10^{-7}$  mm. isto é: 1 mm. =  $10^7$  Angstrom; portanto um Angstrom é 10.000.000 vezes menor que o milímetro.

Nós porém sugerimos o seguinte quadro onde intercalaremos as radiações dos passes espirituais entre as radiações eletromagnéticas já conhecidas na Física. Chamemos "Ômega" os raios das radiações eletromagnéticas do passé espiritual, e raios "phi" as radiações do passé material. Seja ainda "lambda" o comprimento de onda das radiações.

Radiações eletromagnéticas	Varição de "lambda" medida em Angstrom
Raios gama	De 0,0001 a 1
Raios ômega	De 0,001 a 50
Raios X	De 0,01 a 100
Raios Phi	De 100 a 2.000
Raios Ultravioletas	De 100 a 4.000
Luz	De 4.000 a 7.000
Raios infravermelhos	De 7.000 a 100.000
Ondas hertzianas	De 100.000 a quilômetros

(1) Nomenclatura consagrada pelo uso.

Evidentemente essa divisão não pode ser rígida, porque não há uma separação brusca entre os grupos. Poderá argumentar o leitor: se os raios Ômega vão de 0,001A a 50A estão compreendidos nos raios X, e com eles se confundiriam. Explicamos: a Física admite para os raios gama uma variação de 0,0001 a 1A, e para os raios X 0,01 a 100A, como mencionamos acima, porém não quer dizer que determinadas radiações gama serão consideradas raios X porque possuem apenas o mesmo comprimento de onda. Infilui aí a maneira de obtenção de cada modalidade de radiações.

Por exemplo, os raios gama são ondas eletromagnéticas emitidas pelos núcleos dos átomos das substâncias radiativas; tal não impede que obtenhamos raios gama com comprimento de onda compreendido no dos raios X; nem por isso deixam de ser raios gama, pois os raios X têm propriedades diferentes e diferente meio de obtenção.

Tal raciocínio se estende aos nossos raios ômega e phi.

Isto pôsto basta aplicarmos os conhecimentos da Física para tirarmos conclusões quanto às diferenças entre os raios ômega e phi.

Ficarão assim claras as dissimilaridades entre os chamados passes espirituais e passes materiais.

1.ª) Diferenças quanto à natureza.

Não há tal, pois ambas as modalidades de passé provêm de uma mesma fonte de energia, o Espírito, havendo apenas diversidade nas manifestações dado o grau evolutivo de cada indivíduo. A meu ver poderá existir indivíduos encarnados, que por sua vida evangélica e evolução, possam dar passes cujas radiações sejam iguais ou superiores a de muitos Espíritos desencarnados.

O fator sentimento ligado ao conhecimento fica implícito quando apelo para o grau evolutivo de cada um. Sua influência, a do fator sentimento-conhecimento, no passé é real e constatável por qualquer passista.

Quanto à existência de "reservatórios universais de energia", somos mais inclinados a admitir não um lugar onde sejam acumuladas energias, mas sim verdadeiras baterias

vivas de Espíritos que reunidos oferecem maior campo eletromagnético a fim de que os Espíritos destacados em missões de cura possam usufruir delas.

Sim, pois o que de real existe, como manifestação vital é apanágio de Espírito. Não há necessidade de se apelar para uma energia cósmica para explicar o fenômeno, o que não importa na sua existência.

A semelhança do exposto, existe na Federação Espírita do Estado de São Paulo as chamadas "câmaras de passé".

2.ª) Existem fatos que nos chamam atenção para o seguinte: por que os passes espirituais têm maior poder terapêutico do que os materiais, e ainda, têm campo de ação mais vasto, não ficando apenas no meio somático, causando mutações morais nos indivíduos?

A primeira parte da pergunta é explicada da seguinte maneira: devido os raios ômega terem menor comprimento de onda e portanto maior frequência, nos ensina a Física, que terão maior poder de penetração, isto é, conseguem atingir a intimidade dos tecidos orgânicos, daí sua ação mais intensa.

Chamando de "Phi" o poder de penetração, de "lambda", o comprimento de onda e de "ni" a frequência, temos:

$$P \propto \frac{K \cdot D}{1} \text{ ou } P \propto \frac{K \times ni}{1}$$

isto é, o poder de penetração é diretamente proporcional à frequência "ni" e inversamente proporcional ao comprimento de onda "l". Esse K que aparece na equação é uma constante de proporcionalidade. Tal constante depende do peso atômico dos corpos a serem penetrados.

Aqui lembramos o porquê de discordarmos de Pinceloup. Como explica ele o maior poder terapêutico do passé espiritual se ele admite que seu comprimento de onda é maior que o do passé material? Poderá achar explicações, porém, que contrariam os fatos já verificados não só com os raios Gama mas também com os raios X.

Quanto à explicação relativa a mutações de ordem moral, tentaremos estudar e explicar em outra ocasião.

## I Exposição do Livro Espírita de São Paulo

Publicamos a entrevista que o Sr. João TEIXEIRA DE PAULA, nosso companheiro de Redação, representante da USE junto à I Exposição de Livro Espírita em São Paulo, de cuja Comissão, é membro, concedeu à Rádio Progresso, no dia 17 deste mês, às 20,30 horas, acerca do assunto supracitado:

Pergunta: Qual a finalidade da Exposição?

Resposta: É mostrar ao mundo espírita e sobretudo ao leigo o que é o Espiritismo na sua parte bibliográfica e, no Estado de São Paulo, o que é ele na de Assistência Social.

Os próprios espíritas, na sua grande totalidade, ignoram a pujança do Espiritismo no setor de bibliografia, de jornais e revistas. A Assistência Social em São Paulo é enorme e não é também devidamente conhecida.

Pergunta: Qual é a entidade ou entidades patrocinadoras?

Resposta: É a UNIAO DA MOÇIDADE ESPÍRITA DE SÃO PAULO, que contará com a colaboração da Federação Espírita do Estado, União das Sociedades Espíritas de S. Paulo (USE), Clube dos Jornalistas Espíritas, Instituto Espírita de Educação e revista CENA.

Pergunta: Como está a Comissão constituinte?

Resposta: De uma Comissão Central e Subcomissões, assim distribuídas:

Comissão Central: União da Mocidade Espírita de São Paulo;

Dr. José Justino Castilho

Dante Gandolfi

Djalma de Deus da Silva

União das Sociedades Espíritas (USE)

João Teixeira de Paula  
Federação Espírita de São Paulo  
Flávio Pacielo

Instituto Espírita de Educação  
Prof. Emílio Manso Vieira  
Clube dos Jornalistas Espíritas  
Jorge Rizzini

Revista CENA  
Vicente Cruz  
Editora LAKE

Antônio José Batista Lino  
Colaboradores

Dr. Nelson Lôbo de Barros  
Wandyek de Freitas  
Prof. Emílio Manso Vieira  
Vicente S. Neto

Subcomissões: Secretaria-Geral  
Dr. José Justino Castilho  
Dante Gandolfi

Djalma de Deus da Silva  
Propaganda  
Wandyek de Freitas  
Vicente Cruz

Finanças  
Dr. Nelson Lôbo de Barros  
Dante Gandolfi

Francisco Pereira de Andrade  
Execução  
Dr. José Justino Castilho

Dr. Hernâni Guimarães Andrade  
Joaquim Alves  
Wandyek de Freitas

Livros, Revistas e Jornais  
João Teixeira de Paula  
Flávio Pacielo

Pergunta: A Exposição será unicamente de Espiritismo ou de Ciências Psíquicas em geral?

Resposta: De Ciências Psíquicas em geral. Por certo não poderíamos deixar de apontar, entre dezenas de outros, Charles Richet, Albert de Rochas, Pietro Ubaldí, R. Tischner, Gus-

tav Pagenstecher, Maurice Maeterlinck e tantíssimos outros, tanto antigos que modernos, tão-só ou por não terem eles tomado conhecimento ostensivo do Espiritismo ou por o não terem entendido como nós, segundo Allan Kardec, o entendemos. As vezes uma obra de Charles Richet ou de Albert de Rochas, por exemplo, valem muito mais, dado o seu valor altamente científico e comprovativo no campo experimental, do que uma obra genuinamente espírita, que só teria aceitação no meio espírita.

Pergunta: A Imprensa e a Rádio Espíritas estarão presentes?

Resposta: Não há dúvida, nem o podia ser por menos. A Imprensa e a Rádio são forças ponderáveis no campo doutrinário.

Pergunta: Com quantos livros, jornais e revistas espíritas contará a Exposição?

Resposta: Ainda não temos elementos suficientes para responder com exatidão à pergunta. Podemos entretanto afirmar que a exposição de livros, em particular, alcançará a casa de alguns milhares de volumes. As Federações Espíritas dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, afóra outras, com as quais provavelmente entraremos em contato, já nos hipotecaram a sua inteira solidariedade, pondo à nossa disposição as suas ricas bibliotecas. Afóra estas, já contamos com as de particulares, como a do Sr. Antônio José Batista Lino e a minha. Quanto à mostra de jornais e revistas, o assunto está desde já praticamente resolvido, pois que vou ceder à Exposição a minha coleção que, se não é completa, presumo pouco faltar

para o ser. A título de curiosidade informo-lhe que possuo um exemplar de cada jornal, revista ou boletim espíritas que se publicam ou publicaram em todo o mundo. Só a minha coleção, mesmo incompleta, como o deve forçosamente de ser, já permitiria dar ao público uma visão mais ou menos exata do que se faz ou fêz na Imprensa Espírita.

Pergunta: Quantas obras raras serão expostas?

Resposta: Não o sabemos com precisão. Podemos apenas adiantar que o Dr. Canuto Abreu nos vai emprestar, de sua biblioteca, oito obras publicadas antes do aparecimento de O Livro dos Espíritos. Nós, por nossa vez, possuímos duas, que iremos também ceder, publicadas em 1854. Só aí já estão dez, na pior das hipóteses.

Pergunta: For-se-á alguma edição comemorativa da obra de Kardec?

Resposta: Sim. A Exposição fará publicar, a suas expensas, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, que será vendido a preço popular. Está ela, neste sentido, em entendimentos com a Federação Espírita Brasileira.

Pergunta: Qual o motivo da escolha da Galeria Prestes Maia?

Resposta: Por ser um local apropriado e sobretudo por ser um logradouro público.

Pergunta: Que tem a ver Assistência Social com Livro Espírita?

Resposta: Nada, na verdade. Se se incluiu Assistência Social na Exposição do Livro Espírita foi somente para, aproveitando-se uma oportunidade, procurar-se pôr em relevo outra faceta do Espiritismo, que é a da Assistência Social.

## VIDA ESPERANTISTA

## Encontro em Genebra

Foi em junho, em Genebra; nessa Genebra tão tradicional e castiça, mas ao mesmo tempo tão moderna e cosmopolita; nessa Genebra em cuja catedral o visitante se vê rodeado duma atmosfera severamente cristã e sente pesar sobre o seu espírito, como um sudário de chumbo, a sombria doutrina da predestinação, legado da austera confissão calvinista — ao mesmo tempo que se cruza, nas belas avenidas que margeiam o verde e luminoso Ródano, com uma sociedade irrequieta, elegante e alegre, proveniente dos quatro pontos cardiais. Pequena e admirável cidade, onde o raro se nos depara a cada passo: Se, do Muro dos Reformadores, que é de 1536, e está situado num agradável parque, Calvino, Knox e Bêze, entre outros, nos fixaram com seus olhos severos e imotos, por outro lado, através da vegetação bem cuidada, pode-se nitidamente ver o pequeno café onde, antes da revolução de 1917, um Lenin e um Trotsky que ainda não tinham abalado o mundo, iam todas as tardes jogar sua pacífica partida de xadrez; se, na Catedral de São Pedro, onde Calvino costumava pregar, ainda hoje nos mostram a cadeira em que se sentava, também nos dizem, ao passarmos d'ante da cadeia municipal, ter lá estado preso, na primeira década do nosso século, certo mestre-escola e anarquista desconhecido chamado Benito Amilcare Andrea Mussolini; se, de um lado, nos chamam a atenção para o venerável restaurante e café que contou com o Ciente da Mme. Stéel, de Napoleão Bonaparte, de Shelley, Byron e da rainha Vitória, também ficamos sabendo, ao passar diante de certa magnífica residência, rodeada dum parque cujos dois portões são guardados por discretos policiais soviéticos à paisana, ser ali que costuma alçar-se o chanceler Molotoff.

O castiço e o cosmopolita, o normal e o incomum chocam-se assim por toda a parte em Genebra, até mesmo no pequeno Hotel Bristol, da Rue du Mont-Blanc, onde naquele dia, à hora do almoço, numa velha sala de jantar decorada genuinamente à suíça, quatro ou cinco jovens, poliglóticas e gentis garçonnettes, se afanavam em atender aos reclamos estomacais duma numerosa, palradora e esfaumada clientela de turistas, composta em sua maioria de senhoras, e na qual, ao lado de primavera's trajos esportivos, em tudo conformes aos últimos usos dos costureros parisienses, alguns lindos saris indianos punham uma nota pitoresca e exótica.

Sentamo-nos, eu a minha mulher, a uma pequena mesa. Numa mesa igual, vizinha da nossa, instalou-se um casal de meia-idade, que depois soubemos ser australiano, de Melbourne. A uma terceira mesa, também contígua, almoçavam duas damas: uma alta, elegante e bela norte-americana e uma idosa dama francesa. As duas últimas conversavam em francês, idioma em que a sãdida do Tio Sam se expressava com bastante correção, muito embora, às vezes, sua interlocutora, aparentemente por mútuo entendimento, a interrompesse com pequenas correções.

Por nossa parte, travamos conversação, em inglês, com nossos vizinhos australianos. Cidadãos, nós e eles, de grandes e jovens países a que aguarda futuro de imprevisível grandeza, muitas perguntas e respostas se cruzaram, duma a outra mesa, filhas da curiosidade que a eles inspirava o Brasil e a nós a Austrália. Estabelecida por essas preliminares a cordialidade, falamos das peripécias das nossas respectivas viagens, tendo, a esse propósito, a inque, membro duma delegação norte-americana em Genebra e residente na cidade, feito várias sugestões relativas a locais dignos de visita na capital helvética, que conhecia perfeitamente. Os australianos explicavam que, havendo visitado primeiro a Grã-Bretanha onde, do ponto de vista lingüístico, tudo corria, é óbvio, muito bem, tinham depois, segundo a exata expressão utilizada, struggled their way through France ("atravessado pensosamente a França"), onde tudo corria muito mal — sempre, é claro, do ponto de vista lingüístico, e malgrado a tradicional e nunca desmentida obligeance gaulesa.

Relatamos-lhes, por nossa vez, nossas impressões da Itália, por onde começáramos nossa peregrinação através do ocidente europeu. Poliglota, embora em ínfima escala, que sou, não tinha experimentado, na pátria de Dante, nem estava experimentando, a de Rousseau, dificuldade em me fazer compreender. Mas mesmo, ponderei, não entendendo as línguas dos países percorridos, nenhum embaraço teríamos encontrado, graças à ínfima obsequiosidade dos Esperantistas europeus. E enumeramos, entre muitos outros, alguns dos valiosíssimos

nem reconhecia hegemonias de sexo, sangue ou fé... E por isto é que o vemos revelar a uma mulher, herética e impura, porque samaritana, o que ainda não fizera a ninguém: ser o Messias.

Em torno deste acontecimento não há muito mais a comentar, mas sim sobre que meditar.

Voltemos, conseqüentemente, à primeira frase, indo, porém, antes buscar-lhe a raiz: "MULHER, CRE-ME QUE A HORA VEM QUANDO NEM NESTE MONTE EM JERUSALÉM ADORAREIS O PAI", palavras com que o Cristo proclama a libertação da Fé ao domínio dos Templos, das seitas, das religiões CONSTITUÍDAS. E isto porque Deus dispensa os templos feitos pela mão do homem, por isso mesmo que É ESPÍRITO e busca os que O adoram em espírito e verdade.

A frase se nos afigura por isto uma revelação: DEUS É ESPÍRITO, considerando-se que, desde sempre, crentes e incrédulos indagam: "quem é, que é, como é Deus?" Vã procura de definir o naturalmente indefinível. Ignaro tentame, dado deverem saber que toda definição limita e, Deus, porque INFINITO, é ilimitável. Jesus, pois, dizendo DEUS É ESPÍRITO, sem definir propriamente, nos

ofereceu a mais sensata possível concepção de Deus, a mais aproximada da inatingível verdade. Não nos disse tudo, é certo, porquanto não sabemos bem que seja Espírito. Deu-nos, entretanto, nessa forma vaga indefinida: ESPÍRITO, como que (não aponta pelo artigo definido "o", que indivualiza, personificando, nem pelo indefinido "um", que apenas indica o objeto vagamente, mantendo-o desconhecido entre os de sua espécie) uma noção, uma idéia, conseqüentemente, de não ser Deus um "alguém". Cumpre, então, concebê-lo, já agora, Poder Absoluto, Inteligência Suprema, Lei: Eterna, porque incriada; Exata, Absoluta, porque sem limitação no tempo ou no espaço, e, daí, inderrógavel.

E esta lição transcendente vem-la Cristo ministrar àquela simples e, para os judeus, renegada mulher...

Verdade que ela não a compreendeu. Será, porém, que tal logrou a maioria dos homens, incluídos os de maior responsabilidade, intelectual e religiosa?

Por isso supomos estar nesta lição a causa, intuitivamente proclamada, de ser Jesus a SEGUNDA REVELAÇÃO no nosso ciclo filosófico-religioso.

D E L F I N O F E R R E I R A

favores recebidos desses dedicados correligionários: a espera nas estações, a instalação em bons hotéis, acessíveis à nossa modesta bolsa, as preciosas informações a respeito das características principais da vida em cada cidade, os programas de visitas, inteligentemente elaborados, sem os quais muito tempo precioso teria sido malbaratado.

A essa altura, a conversação na terceira mesa tinha cessado, e tanto a inque como a francesa ouviam atentamente nosso colóquio com os australianos, a quem então explicávamos que o Esperanto, contrariamente à errônea crença de muitos, não visa substituir as línguas nacionais — o que seria um crime contra os admiráveis tipos de cultura criados por muitos povos, e cuja mais lúbrica expressão é o idioma — mas simplesmente ser a língua segunda de cada homem. Cada homem saberia duas línguas: a materna e o Esperanto. A primeira para uso no país natal; a segunda para uso nas relações internacionais.

O casal australiano e a dama francesa concordaram decididamente, mas a norte-americana observou, não sem ironia, não ver necessidade de nenhuma nova língua internacional pósto já a termos no inglês.

Efeticamente, admitimos, temos no inglês uma língua internacional de larguíssimo uso no mundo moderno (sem que isso tivesse porém obstado às vicissitudes, na França, dos nossos interlocutores australianos). Mas essa extraordinária disseminação da língua inglesa, função do incontestável prestígio, na nossa época, dos países onde ela é falada, era necessariamente efêmera e limitada à duração desse prestígio. Assim o ensinava a História: Succeivamente, o grego, o latim, o espanhol e o francês tinham exercido no mundo as funções agora desempenhadas pelo inglês. Mas tanto o grego do século de Péricles como o latim do de Augusto; tanto o espanhol da grande época dos descobrimentos como francês do grand siècle tinham tido o seu nascimento, o seu zênite e o seu ocaso, não havendo à vista razão nenhuma suscetível de provar estar ao inglês reservado o inédito privilégio de escapar à mesma fatalidade histórica. Mas havia mais: Supondo pudesse a admirável língua de Shakespeare fugir à regra que tão incoerentemente funcionou no caso dos idiomas que o precederam no uso internacional, restaria ainda saber se o orgulho nacional de, por exemplo, franceses, russos, alemães e chineses, se compadeceria com a adoção oficial duma língua nacional que não a sua para uso internacional generalizado. A resposta está longe de ser duvidosa. Ademais — e as tremendas dificuldades da língua inglesa? Citei meu caso pessoal: Estudando o inglês há mais de vinte anos, longe andava de sabê-lo bem. No entanto, seis meses depois de ter iniciado o meu aprendizado do Esperanto, já eu mesmo começava a reger uma classe dessa língua, cuja facilidade, como o prova esse simples fato, é extraordinária, quando comparada com as línguas nacionais. Finalmente, o Esperanto não ofendia os bríos nacionais de ninguém, e todos, sem o menor constrangimento, o poderiam reclamar como seu.

Muitos outros argumentos poderiam ter sido aduzidos. Mas o silêncio atento dos nossos interlocutores demonstrava serem desnecessários. Até mesmo, do rosto da inque, tinha desaparecido a expressão levemente irônica com que lançara sua objeção.

Ora aí está como uma incipiente e modesta polémica, na cosmopolita Genebra, que, a certa altura, ameaçara a-generar em sério litígio internacional, terminou, por obra e graça da sãdida lógica zamenhoffiana, no reconhecimento da simples verdade de ter o problema, grave entre os mais graves, da língua internacional encontrado no Esperanto sua salvadora solução.

Levantamo-nos da mesa na maior cordialidade, e saímos que a doçura do sol, o azul do céu convidavam a vaguejar. Fora, na minúscula Ile Rousseau, ao lado da estátua de bronze do velho Jean Jacques e na frescura vespertina duma primavera que começava a morrer, enzameavam crianças, numa alegria turbilhante, sob os olhos vigilantes das mães ou das avós. E, muito naturalmente, fantasiou o autor do Emile a cismar com o mundo no qual a sociedade não depravasse a juventude, endurecendo-a, tornando-a precocemente cética, mas, pelo contrário, lhe ensinasse coisas nobres, elevadas, como o Esperanto, capazes de fazer despontar a tão desejada idade de ouro em que os homens serão verdadeiramente irmãos.

MÁRIO RODRIGUES MONTEIRO

## Isto disse Jesus

Volviendo ao episódio do encontro do Senhor com a samaritana junto ao poço de Jacó, queremos colhêr do diálogo então travado outra lição, quicã das mais importantes.

O Evangelista João (IV:15-26), revivendo o diálogo estabelecido a propósito da água do poço, pedida por Jesus, nos conta da admiração da samaritana, maravilhada pelas faculdades espirituais do peregrino judeu em que viram, por isso, um profeta, o que a levou a perguntar-lhe onde, afinal, se deveria render culto de adoração divina, se em Jerusalém, qual apregoavam os judeus se ali, onde em idos tempos o fizeram os seus antepassados, pergunta a que respondendo, Isto disse Jesus: — "MULHER, CRE-ME QUE A HORA VEM QUANDO NEM NESTE MONTE (o Garizim) NEM EM JERUSALÉM (no Monte Mória) ADORAREIS O PAI", e continuando a falar-lhe, dentro do mesmo pensamento, diz então: "DEUS É ESPÍRITO

E IMPORTA QUE OS QUE ADORAM O ADOREM EM ESPÍRITO E VERDADE".

Ouvindo isto, a samaritana retorquiu-lhe: "Eu sei que o Messias vem; e quando vir nos anunciará todas as coisas". Reponta-lhe, então, Jesus: "EU O SOU, O QUE FALA CONTIGO".

Temos neste evento evangélico duas frases mestras: em uma, a maior lição, ao nosso ver, dada pelo Divino Instrutor: DEUS É ESPÍRITO E IMPORTA QUE OS QUE ADORAM O ADOREM EM ESPÍRITO E VERDADE", e isto em seguida a haver dito que tempo já era de se compreender não mais carecer o homem de lugar predeterminado para render culto a Deus. A outra frase, infinitamente mais simples, é, todavia, uma grande lição, sublime exemplificação, — ao tempo até revolucionária — pois, sendo todos iguais perante Deus, ele, o Cristo, tampouco distinguia judeus de samaritanos,

# Uma Comédia de Burlas

DR. CARLOS IMBASSAHY

Shakespeare escreveu uma comédia de erros; não será demais que eu descreva uma comédia de burlas.

Começo, amigo Leite, lembrando que o excesso de café seja talvez a causa de ter ficado muito pequeno sem tomar chá, e daí as expressões indelicadas que superabundam em certas réplicas, cuidando os seus autores que a falta de educação pode suprir a falta de argumentação. Quando lhes parece que as aspercezas podem ter pouco peso na controvérsia, transborda-lhes a facúndia nas mais socres inverdades. Veja, agora, o amigo, que catadupejar sonoro de maranhões. Princípios por este tópico:

"Um dos mais notáveis investigadores dos fenômenos psíquicos foi Camille Flammarion. Durante 60 anos estudou e examinou fatos e teorias, e após haver investigado as produções do mais célebre médium Eusapia Paladino, concluiu que "tout est fraude du commencement jusqu'à la fin." (Les Forces Naturelles, p. 149)."

Pois vamos à página 149. Tudo falso.

Absolutamente falso, seu Leite. Nunca Flammarion disse coisa que se parecesse. Jamais, naquela citada obra, ou em outra qualquer, fez semelhante afirmativa. Um grosso carapeta!

Flammarion, imparcial e honesto, juntou em seu livro muitos relatórios, e entre estes, o de um tal Astoniadi, figura apagada no Psiquismo, para quem tudo era fraude. Este é que é o autor da frase. Não podia haver qualquer dúvida nem nada que fizesse supor tratar-se de uma frase de Flammarion. Lá estava no topo do capítulo, em letras grandes: "RAPPORT DE M. ANTONIADI".

Se não se trata de uma dessas fraudes piás que deve levar o honrado mistificador à mão direita de Deus-Padre, mesmo na sua vestidura corruptível, como já aconteceu com Eliseu e Elias, não sei como classificar o equívoco.

Que a frase burlosa não poderia ser atribuída ao astrônomo di-lo toda a sua obra, testemunha-o a grande bagagem literária acumulada naqueles 60 anos de "estudos e exames de fatos e teorias". Senão, folheemos, para não ir muito longe, o próprio livro citado:

"Esses fenômenos são tão inexplicados, tão inexplicáveis, tão pouco críveis, que o mais simples é negá-los... Infelizmente, para os negadores, essa hipótese é inadmissível. Págs. 36.

Tratando da levitação, depois de descrever a fiscalização empregada:

"A mesma experiência repetiu-se três vezes, de sorte que, num quarto de hora, houve cinco levitações da mesa, cujos quatro pés estavam completamente destacados do solo, a cerca de 15

cm. Durante uma levitação, os assistentes deixaram de tocar na mesa e Eusapia também o fez. Um objeto pode, portanto, ser erguido contrariamente à lei do péso, sem contacto de mãos.

"Sempre em plena luz um guérison avança, sem contacto, para a mesa, como se quisesse subir por ela, e caiu. Como ninguém se mexesse, não há nenhuma explicação para esse movimento". Pág. 98.

"A fiscalização é rigorosa. A médium a ela se presta com a maior docilidade". Pág. 100.

"Enfim, são fatos a explicar. Sem dúvida, é mais simples negá-los. Mas não é honesto". Pág. 113.

"O canapé avançava a seus olhares, recuava, todos os instrumentos se lançavam de mistura (pêl-mêle) sobre a mesa; o tambor ergue-se à altura do teto, as almofadas vêm até nós, esbarrando em tudo; M. é derrubado da cadeira; esta, pesada, flutua, ergue-se no ar, chega à mesa com grande ruído e depois é atirada fora dela".

O Autor descreve a situação de Eusapia, inanimada. E continua:

"Que vimos? Mistério dos mistérios. Cumplidade, fraude? Tomamos todas as precauções. Forças sobre-humanas agem perto de nós, tão perto, que se sente o hábito de um ser vivo, se é que havia um. Eis o que se passou a nossos olhos durante duas longas horas". Pág. 125.

"... Para jogar a cortina com essa violência, era preciso que a médium se levantasse, passasse para detrás dela e a empurrasse fortemente com os braços esticados. Ora, a médium estava tranquilamente sentada em sua cadeira". Pág. 163.

"Posso garantir que não abandonei, nessa sessão, uma só vez, a mão direita de Eusapia, enquanto Brisson mantinha a esquerda. E estou tão convencido da sinceridade de Brisson quanto da minha". Pág. 165.

"Qualquer possibilidade de fraude estava eliminada". Pág. 165.

E à folha 174 conta o seguinte:

"A 21 de novembro, Jules Bois apresenta um livro diante da cortina; o salão está iluminado por pequena lâmpada; vêem-se os objetos. A Sra. Flammarion, céptica, ocultou-se por trás da cortina para notar bem o que se passava, esperando desmascarar a médium. Ela a via, imóvel. De repente, o livro lhe aparece, tendo atravessado a cortina, suspenso no ar, sem mãos nem braços que o segurassem, e depois cai. Ela gritou: — Ó, o livro que acaba de atravessar a cortina!...

"... Entretanto — diz o sábio — o livro foi visto pela Sra. Flammarion, que o observava por trás da cortina, e desapareceu diante das pessoas que estavam em frente, entre as quais Braschet,

Brisson, Jules, Bois, a Sra. Fourton e eu". Págs. 174-176.

Deixo de lado os vários pareceres e relatórios constantes do volume, para limitar-me ao astrônomo. São exemplos apanhados ao correr das páginas, entre centenas de outros, somente para aquilatar-se da fidelidade do crítico, quando declara, tranqüilamente, que Flammarion só viu fraudes do começo ao fim.

Impossível prolongar-me. Quero, apenas, antes de terminar, ressaltar um fato digno de nota, e que vem provar, não só a existência do espírito manifestante, senão também que ele para logo se contamina ao toque do ambiente terreno. E a demonstração será com as próprias palavras do articulista, segundo o qual Flammarion viu fraudes du commencement jusqu'à la fin:

"As fraudes das irmãs Fox, o magnetismo de Mesmer, as mistificações de Katie King, de Eusapia, da Piper, de Home..."

A Katie King era o espírito materializado, nas experiências de Crookes. No cardápio heteróclito do crítico, como se vê, figuram vivos e mortos, homens e materializações, médiuns e espíritos. Fraudaram Eusapia, Piper e... Katie King. Ali o fantasma da Katie King também fraudava!... Santo Deus! Não contentes com a velhacaria humana, e como se esta não nos bastasse, até os mais respeitáveis espíritos entram a mistificar! Mistificava a Katie ao lado de Eusapia. Mistificava Home, mistificava Katie!...

Conseguiu o processo de somar quantidades heterogêneas.

Mas o caso é que a famosa entidade espiritual, a fraudadora Katie King, poderia parodiaria Descartes: — *Místico, logo existo*. E teríamos a sustentar a existência do espírito ectoplásmico o maior paliuro do Cristianismo em nossa terra.

Parece que ele, naquele coquetel *sui generis*, naquela "batida" cabocla original, não deu tento do perigo da informação. Que descuido!

Enfim, declara que "eu estou na suposição ingénua de que hei de passar à posteridade como o maior sábio do espiritismo brasileiro".

É uma aspiração modesta. Mas como descobriria isto? É mistério que me deve andar pelos esconderijos da alma, porque eu não o sabia. Se o descobridor não é mago, deve possuir a sonda psicanalista com que, do mesmo passo, revela mistificações do supranormal e suposições do subconsciente. Há Freud nisso!

Melhor andaria, porém, se em vez de perscrutar as minhas intenções, que nada lhe adiantam aos argumentos, procurasse impedir que passassem à posteridade, como estultos, os que fazem dos casos sérios da Metapsíquica um apanhado das mais desengonçadas pantranas.

E fico por aqui, mas há tanto que dizer aínda!...

## PELO MUNDO

A "Fólia da Tarde" publicou, há pouco tempo, a seguinte notícia:

"ROMA, (ANSA) — Existem na Itália dez mil curandeiros, todos fichados. Total enorme, ao qual corresponde um número não menor de pacientes, o que tornou necessária uma análise séria do problema.

Trata-se de ciência, empirismo ou intuição natural? Não é possível dar definições. Nem cientistas, nem embusteiros, esses "guaritori" poderão ser ambas as coisas de acordo com as circunstâncias em que atuam e com os efeitos de seus tratamentos.

No campo das curas que não podem ser explicadas cientificamente existem exploradores e charlatães, verdade, mas também é verdade que às vezes surgem casos de curas reais e efetivas e que há, entre tais, os pesquisadores e que há, entre tais, os pesquisadores e estudiosos sérios e responsáveis. Poucos sabem, por exemplo, que o belga monsenhor Ladislao Le Grelle, adido à Biblioteca Vaticana, conhece perfeitamente os métodos de medicina primitiva usados entre os nativos dos arquipélagos do Pacífico e aplica-os com surpreendente êxito. Monsenhor Le Grelle possui centenas de fichas contendo o histórico dos tratamentos aplicados e das curas obtidas, adaptando aos doentes as fórmulas descobertas pelos feiticeiros orientais. Para o diagnóstico, o sacerdote belga socorre-se do pêndulo dos radieste-

sistas, e no tratamento aplica os princípios da homeopatia. Esse é o caso de um curandeiro sério.

Outro é o Giuseppe Andalini de Lecce, conhecido na Itália por seus misteriosos dotes terapêuticos. Não há dúvida de que ele possui qualidades de vidente e temperamento de médium. Suas mãos, como ele mesmo diz, "emitem um fluido secreto, um orvalho benéfico, que fortalece a saúde". Também Andalini possui arquivo com fichas, cartas de pacientes curados, documentos que comprovam os seus êxitos e declarações lisonjeiras de médicos ilustres.

Agora, para indagar até que ponto as atividades desses curandeiros podem ser levadas a sério, a Sociedade Italiana de Metapsíquica, presidida pelo prof. Ferdinando Cazzamali de Modena, está examinando os relatórios referentes a 150 intervenções do famoso "guaritore" Carlo Carau, o qual costumava hipnotizar os pacientes e, depois de uns poucos minutos, ordenava que acordassem do sono hipnótico e voltassem a viver normalmente, curados. Caratti obteve 150 curas efetivas, verificadas cientificamente, contra apenas 15 malogros. Não pretendia porém tornar-se "fei-

teiro" e abandonou essas atividades que só lhe causavam cansaço, enxaquecas, insônia e abalavam-lhe os nervos.

Em que consiste o segredo da terapia empírica? Na auto-sugestão ou nas chamadas "radiações humanas"? A existência destas é já agora comprovada. A esse respeito devem ser lembrados os estudos notáveis do prof. Gaetano Albertazzi. Existem "casos" especiais como o da sra. Augusta Tonelli que certo dia, repentinamente, caiu em "trance" e "sentiu" que estava em condições de curar doentes. Até então — a senhora já havia transposto os umbrais da idade provecia — nunca suspeitaria possuir essa faculdade.

Algo parecido aconteceu com um metalúrgico que tendo ocasionalmente curado a esposa, que sofria de enxaqueca, descobriu que possuía qualidades de "guaritore". Muitos companheiros de trabalho procuraram-no e ele aliviou-os de males pequenos e grandes. A cura mais surpreendente foi a de uma senhora que não acreditou nas virtudes do metalúrgico. Vivia ela imobilizada por uma artrose e não esperava sarar. O "curandeiro" tornou-a boa numa semana.

Quais conclusões se justificam ante fenômenos dessa ordem? Há quem avente a hipótese de que os "quaritori" são simplesmente radio-localizadores e que mais cedo ou mais tarde deverão ser descobertas as leis que regem as suas ações. A seguir será possível, com base nessas leis, construir aparelhos eletrônicos capazes de diagnosticar e curar com o mesmo processo, evidentemente não consciente — e portanto automático, mecânico — aplicado pelos radio-localizadores humanos.

Essa é, pelo menos, a opinião do dr. Caldari conhecido hipnotizador e rãdomante. Ele deu água potável à sua cidade, Assis, descobrindo-a a sessenta metros de profundidade e localizou, ainda em Assis, ruínas de um templo romano profundamente enterradas. Caldari possui dotes de curandeiro e está persuadido de que a terapia baseada nas radiações humanas corresponde a leis que podem ser determinadas e estudadas cientificamente.

O "guaritore", segundo Caldari, descobre a doença do paciente como o rãdomante sente o que existe debaixo da terra. É em suma um receptor de rádio com as mãos funcionando como antenas.

"As ciências — afirma o estudioso — nascem às avessas porque chegam à teoria pelos caminhos da prática".

## Da Necessidade de Maior Contacto entre as Obras Assistenciais Espíritas

Os espirítistas estão trabalhando em assistência social de maneira persistente, seguindo o processo aritmético da multiplicação.

Entretanto, as obras que já existem e as que se iniciam, mesmo se nos reportarmos somente às da Capital labutando embora em campos idênticos, estão isoladas umas das outras mal se conhecendo de nome.

Essa lacuna nas atividades de relação entre os dirigentes das obras assistenciais, tem sido a responsável por um desenvolvimento heterogêneo, produzindo uma curva nitidamente desigual, no gráfico do movimento assistencial espiríta. Exemplifiquemos, focalizando a assistência à criança órfã ou desvalida. Existirão farescoletivos que estejam em excelentes condições quanto à parte administrativa e orgânica, mas que tateiam nas primeiras experiências no campo educacional. Outras contarão com o concurso de elementos já experimentados no assunto relacionado aos meios de desenvolvimento ideal da criança, mas enfrentarão dificuldades administrativas sérias. Algumas, em vias de não sobreviver ou de se atrofiar, por causa dos compromissos econômicos que se acumulam, enquanto outras conformaram as mesmas situações por meios viáveis em qualquer ambiente. Haverá ainda aquelas — e nós bom o sabemos por experiência — cujos responsáveis em certos momentos terão a impressão de desmoronamento, de fracasso, de desalento, de solidão. O maná só poderá vir das melhores mãos que Deus se utilize como intermediárias: as das entidades — irmãs, que compreendem em toda a extensão porque já superaram os mesmos momentos e podem repetir com a autoridade que a experiência faculta: — segue avante e "não fixe com demasiada atenção as pedras do caminho", como diz o querido André Luís.

Mas, essas obras não se conhecem. Quando muito, sabem-se mutuamente as denominações. Por que não se buscam? Não

realizam reuniões em comum? Não trocam idéias? Não aproveitam — ou melhor — não permutam as suas experiências?

Nesse mundo, em que nos sentimos apenas meio-irmãos, ninguém é mais irmão de alguém, do que quando tem de enfrentar os mesmos problemas. Então se compreendem pelo olhar e poucas palavras são suficientes para se identificarem em meio à multidão.

Torna-se oportuno, a essa altura, focalizarmos a seguinte situação: apesar da dispersão das obras assistenciais espirítas, nota-se claramente que existe no plano superior — organizado com todos os vértices e ângulos — um vasto programa já determinado, para a concretização dos ensaios de benemerência no meio terrestre. Temos a impressão, bastante eloquente, que um mesmo grupo de espirítos supervisiona, de um ponto mais elevado, a todas as obras assistenciais no nosso meio, competindo a nós — os irrisórios pigmeus da espiritualidade — abriremos as portas da boa vontade a fim de executarmos um trabalho dentro de moldes melhores.

Facilitemos as tarefas múltiplas dos benfeitores espirituais e busquemos nos aproximar para o intercâmbio produtivo.

O movimento de unificação, nos moldes em que a U S E o desenvolve, vem, sem dúvida, facilitar esse contacto lucrativo para todos. Mas acreditamos, que atingido já o ponto de desenvolvimento presente, torna-se oportuna a realização de uma reunião conjunta, entre os Diretores das Obras Sociais, num ambiente de mais franca cordialidade, para a permuta de assuntos de ordem prática e específicos dos seus campos de atividade.

De nossa parte, procuraremos coligar impressões a respeito dessa idéia, nos diversos núcleos assistenciais, com a esperança de podermos em breve estar mais unidos para a caminhada em busca da fraternidade efetiva e do amor cristão.

N A N C Y P U H L M A N N

## Secção da Criança

Era domingo. Márcia começou o dia cantando pois estava muito e muito satisfeita. Haviam chegado de um lugar tão bonito, tão longe e tão triste. Três meses sem vir em casa, sem ver as crianças que sempre enchiam a casa e o quintal com suas vozes alegres e amigáveis. Três meses de sofrimento para Papai com a doença de Mamãe. Agora sim, Mamãe já estava com saúde e já sorria contente também por ter vindo para sua casa e, por Deus, que nunca mais seria preciso ir para Campos do Jordão. Haviam chegado já há uma semana e Papai prometera para aquele domingo uma pequena festa a fim de reunir outra vez as crianças. Márcia só pensava em continuarem a falar do teatrinho. Sonhava com o teatrinho e assim que chegou já tinha ido ver se havia alguma cartinha respondendo à pergunta de Papai — qual será o nome do teatro? Quando Márcia abriu a gaveta da escrivaninha, ah! que consolo! Lá estavam as desejadas cartas. Ela se pôs a contar: uma, duas, três... e contou até vinte e duas. Saiu correndo e gritando:

— Papai, Papai, olhe só que beleza! olhe, Papai, quanta gente interessada no teatrinho... veja, veja, meu Paisinho querido... veja...

— Espere, Márcia, espere, disse Papai. Você não se lembra mais daquela poltrona em que a gente se senta, pôe as...

— Lembro-me, sim, Papai, mas, a alegria depois de tanto tempo sem brincar, sem ver e conversar com as "velhas" amigas é que me fez ficar tão alegre.

— Está bem, Márcia. Ficar contente é muito bom, é mesmo preciso. O que não é bom é fazer gritaria só porque está alegre.

— Está bem, Papai, já estou séria como uma velhinha, disse Márcia prendendo o riso. Vamos agora ler as cartas?

— Quem ficou incumbido de receber e responder as cartas? perguntou o Papai.

— Márcia ficou calada um pouco de tempo, depois disse:

— Ninguém. Nem me lembro se alguém ficou com esse trabalho. O Marcos que sabe tudo é que devia ter pensado nisso.

— Márcia, disse Papai então, o Marcos sabe tudo?

Márcia compreendeu o que Papai quis dizer. Ficou meio sem-graça e sorrindo, explicou:

— Ele pensa... não, nós pensamos...

— Você está conjugando verbos? Nunca queira pôr a culpa de um erro ou esquecimento nos outros. Se o Marcos, ou a Laurinha, ou Pedro ou alguém não se lembrou de escolher quem deveria abrir e ler as cartas a culpa é de todos ou da pessoa que estava dirigindo a reunião.

— Sabe, Papai, eu acho que ninguém teve a culpa porque ninguém sabia que era preciso.

— Muito bem, Márcia. Aprenda, então; nunca se deve pôr a culpa em alguém sem primeiro tirar bem a limpo se houve culpa e de quem foi.

— Eh! Papai, o senhor sempre a dar lições! Mas, esta foi ótima e nunca mais esquecerei. Quem abrirá as cartas?

— Já que não há gente incumbida guarde todas e, na hora da reunião, pegue a palavra, apresente o maço de cartas e na hora será escolhida a criança que deve ler alto para todos ouvirem. Ali mesmo será feita a escolha do nome.

— Pai! oh! Pai, reclamou Márcia. O senhor acha que vou poder esperar até chegar a hora de se reunirem, ouvirem eu explicar, fazerem mil perguntas, para então abrir todas, todas essas cartinhas?

Papai começou a rir.

— Não ria assim, Papai, o senhor não há de querer que eu agüente tanta aflição tanto tempo.

— Márcia, respondeu Papai, vamos sentar-nos, colocar os braços nos braços da poltrona...

— Papai, o senhor quer que eu seja uma boneca de pano e não uma menina. Eu queria ver o senhor com uma porção de cartas interessantíssimas e não as abrir logo.

— Pois foi o que se deu, Márcia. Na volta encontrei muitas cartas que só abrirei quando todos os sócios estiverem reunidos. As cartas não são só para mim e embora eu esteja precisando saber o que contém, devo, quero esperar. Quando estiver calmo poderei melhor julgar o que dizem.

— Está bem, disse Márcia, como sempre ao reconhecer que Papai tinha razão. E suspirando, acrescentou, olhando as cartas: Esperemos. Enquanto espero vou arranjar o caramanchão, o quintal, a mesa para a reunião...

— Muito bem, Márcia, é assim que a gente espera; fazendo qualquer coisa, ocupando as mãos e o pensamento. Até logo.

— O senhor não vai, então, assistir à nossa primeira reunião, depois de tanto tempo sem ver as crianças?

— Vou, mas, até chegarem também vou ocupar-me em coisas úteis. Vou ao Centro saber como andam as coisas por lá, se há muitas cartas e muitas resoluções a tomar. Até logo, Márcia.

— Até logo, Papai, não deixe de vir ajudar-nos. Ei! que bom! já estão chegando as crianças.

Todos vinham muito alegres. Pedrinho trazia em uma pasta tantas adivinhações que só mesmo se vocês, leitores de *Unificação*, ajudarem a decifrar. Mandem as respostas para a Caixa Postal.

**Adivinhações do Pedrinho:**

Charadas auxiliares — Vocês devem achar o pedaço que falta em cada palavra para formar a que está escondida, verticalmente:

... — sente, é o que a gente ganha

... — lo, vai nas cartas

... — quero, não é grande

Lugar onde Jesus nasceu.

... — xame, prova de saber

... — rafa, tem o peçoço comprido

... — ada, cantiga

Lugar onde Jesus viveu quando era pequeno

... — sus, nosso Mestre

... — bi, pedra vermelha

... — la, onde se recebem visitas

... — branca, recordação

Lugar onde Jesus ensinou os Doutores da Lei

Pedrinho misturou estas palavras e pede a vocês que arrumem outra vez: 1 — Maria

Os — de — eram — Jesus — e — pais — José

2 — carpinteiro — de — era — José — Jesus — pai — o

3 — trabalhar — a — José — na — carpintaria — ajudava — Jesus

Pedrinho perguntava e quem respondia, marcava um ponto:

1 — Como se vai à Palestina; de carro, avião, trem, cavalo, a pé?

2 — Qual era o verdadeiro nome de Pedro, o Apóstolo?

3 — Por que José e Maria, logo que se casaram, viajaram para a cidade de Belém?

Mandem vocês, também, leitores da Secção da Criança do nosso jornal "Unificação"

— Caixa Postal, 3.946.

Recebi e logo responderei as bonitas cartinhas que vieram de Piracununga de Dirce Augusta, Maria Efigênia Ribeiro, Maria Stella Diniz, Dalmo Carose, Erotides Gilson, Antero R. Nepomuceno, Frederico Gruninger, Leila Gruninger, Ana Maria Diniz, João C. Carose, Luiz A. Tesh, Elza B. Pereira, Alcione H. Börner e Maria José F. Silva. Escrevam sempre pois tenho um fichário com o nome de todos que me escreverem. Quanto ao irmão anônimo de Catanduva, espero o seu nome para a respectiva ficha.

LUIZA PESSANHA CAMARGO BRANCO

## Cegos de Propósito? ...

Godoy Paiva

Do Evangelho de João: — "Deus cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos e não compreendam com o coração e se convertam e ele os sare".

Um dos textos evangélicos que, antes de conhecermos o Espiritismo, nos deixou abalados na fé, como se costuma dizer, foi este. Deus não é bom! — pensávamos. Então isso é coisa que se faça? E' por isso que o inferno está cheio de gente; e, se o está, Deus é o culpado. Se ele procedesse ao contrário, isto é, amolecendo o coração dessa gente, abrindo-lhes os olhos para que compreendessem as coisas divinas, agrilaria mais acertadamente. Pelo menos, a lógica assim nos ensina! O Espiritismo, entretanto, nos explicou tudo, racionalmente, e agora podemos compreender esse texto bíblico: — É que os judeus do tempo de Jesus, especialmente os escribas e os fariseus, não eram — como nós também não o somos — espirítos criados ao nascer do corpo terreno. Eles tiveram — ainda que o ignorassem — diversas vidas anteriores. Sendo poucas essas vidas anteriores e talvez menos ainda o aproveitamento obtido nas suas reencarnações, não era permitido aos judeus do tempo de Jesus conhecerem ainda certos ensinamentos espirituais, de modo a compreenderem as leis que regem certos fenômenos. Apareceram neste mundo como cegos do espírito e tardios no entendimento, não porque Deus os colocasse aqui, pro-

positadamente, nesse estado, mas porque era esse o estado natural em que aqui deveriam renascer, visto que o progresso do espírito é conseguido por ele mesmo. O profeta Isaías, que foi quem profetizou aquelas palavras reproduzidas pelo evangelista João, nada mais fez do que prever o que aconteceria com o Cristo ao vir encarnar-se em um meio onde imperavam espirítos atrasados, devido às poucas ou mal aproveitadas reencarnações, e que seriam verdadeiros cegos para as verdades espirituais que ainda não estavam à altura de compreender. Deus fechou-lhes os olhos para que não vissem, assim como o oculista fecha os olhos ao cliente operado ou o obriga a ficar em um quarto escuro, porque a claridade lhe fará mal.

Efetivamente; sarar aquela gente — termo empregado pelo profeta Isaías — consistiria em fazê-la digna de uma vida em um mundo de fraternidade e amor. Como poderiam aqueles judeus antifraternos ser colocados em um ambiente de fraternidade e de amor? Deus não torna o homem cego, nem de coração endurecido. O homem é que não pode abrir os olhos nem amolecer o coração antes do tempo, porque a lei é essa; mas, no decorrer das vidas sucessivas, irá abrindo os olhos e amolecendo o coração.

Certas verdades são só para aqueles que já estão com olhos abertos e ouvido atilado. Por isso, Jesus dizia — sempre que tocava de leve na lei da reencarnação — "o que tem olhos de ver, que veja; o que tem ouvidos de ouvir, que ouça".

# UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:  
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

J. Herculano Pires  
Luiza Pessanha Camargo Branco  
Luiza Monteiro de Barros  
João Teixeira de Paula  
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946  
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual ..... Cr\$ 20,00  
Número avulso ..... Cr\$ 2,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA  
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

## CONSELHO METROPOLITANO

A Comissão Executiva do C.M.E., tendo ultimado sua tarefa específica — a reorganização das Uniões Distritais paralizadas — convoca todos os conselheiros e suplentes metropolitanos para a Assembléia Geral a realizar-se no dia 20 de fevereiro de 1955, às 15 horas, na sede da USE, na rua Santo Amaro, 162, para tomar conhecimento de suas atividades, prestação de contas e eleição e posse da Comissão Executiva Metropolitana.

Comissão Executiva Provisória

## Secção da Mocidade

### VIII Concentração em Jundiá

#### A VIII CONCENTRAÇÃO E AS OBRAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Conforme vimos divulgando, será realizada em Jundiá, nos dias 7, 8 e 9 de abril de 1955, a VIII Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo. Trata-se de uma importante reunião de Moços Espíritas que atrairá representantes dos Estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, para a discussão de assuntos doutrinários e a formulação de diretrizes para a vida associativa das Mocidades.

Um dos aspectos interessantes desse certame será o realce que os jovens darão às obras espíritas de assistência social, como forma de permuta de contribuições nesse nobre campo de trabalho da Doutrina.

Desde a IV Concentração, realizada em Araraquara no ano de 1951, que os Moços vêm voltando suas atenções para as obras assistenciais, conforme se depreende do artigo 17 do Regulamento aprovado naquela ocasião, o qual reza textualmente:

"Todas as Mocidades deverão levar às Concentrações documentação objetiva das obras de assistência social, realizadas em suas cidades (fotografias, mapas de movimento, etc.). Essa documentação integrará a exposição de obras espíritas".

Com base nesse compromisso, chamamos a atenção dos dirigentes de Mocidades Espíritas, para que não descurem desse importante aspecto das Concentrações. Em quase todas as cidades, os núcleos espíritas possuem serviços de amparo aos pobres e sofredores, que evidenciam a boa vontade e o esforço dos trabalhadores da seara. Dentre esses serviços, há importantes estabelecimentos de beneficência, ao lado de outros, cuja expressão material é quase nenhuma. Entretanto, todos eles afastam a preocupação do meio espírito de servir à causa do bem, e devem ser catalogados para conhecimento geral. Assim, devem os moços espíritas reunir todo o material referente a essas instituições, tais como fotografias, relatórios, gráficos estatísticos, cartazes e o mais que houver, levando tudo isso para expor na sede da VIII Concentração.

Há de ser bellissimo vermos, em "stand" especial, o desfile das obras assistenciais espíritas de quatro Estados do Brasil, numa contribuição dos jovens ao conhecimento das relevantes atividades desenvolvidas pelo Espiritismo.

Depois, isso constituirá um incentivo e um programa de ação das Mocidades, que se sentirão animadas em orientar seus membros para os mistérios da Caridade.

#### ESCOLHIDOS OS TEMAS PARA AS TESES DA VIII CONCENTRAÇÃO

Estêve mais uma vez reunido o Conselho Diretor da VIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, desta vez em Araraquara, a 5 de dezembro. O principal objetivo desse encontro dos diretores da Oitava era a escolha de três temas dentre os 54 assuntos sugeridos por 16 Mocidades, para constituírem as teses a serem defendidas na reunião.

Procedeu o C.D. a criterioso exame do material em mãos, tendo em vista, principalmente, a objetividade e o caráter prático das sugestões feitas e, com base nessas condições, selecionou os assuntos por eliminação dos que menos as satisfiziam, até extrair os três que lhe pareceram mais apropriados à consideração dos Moços, na atual quadra da vida das Mocidades e do movimento espírita.

**Temas escolhidos:** 1.º) "O programa das Mocidades Espíritas em função do movimento unificador".

2.º) "O trabalho do Moço Espírita na educação cristã da infância".

3.º) "O papel do Espiritismo na emancipação da Humanidade — Origem da Doutrina e sua atuação no presente momento histórico".

As teses poderão ser feitas individualmente pelos Moços ou, coletivamente, pela Mocidade, sendo permitido que um único concorrente desenvolva os três temas.

**Prazo para remessa** — As teses deverão ser remetidas ao Conselho Diretor até o dia 15 de fevereiro de 1955, para o seguinte endereço: ALCIDES SARMENTO — Rua Dr. Almeida, 359 — Jundiá — S. P.

**Comissões julgadoras** — Para julgar as teses foram indicadas três Comissões Julgadoras, como segue: 1.º tema — Dr. Luis Monteiro de Barros, Paulo Machado e Srta. Nair de Moura (todos da Capital); 2.º tema — Dr. Thomaz Novelino, Agnelo Morato e Sr. Olavo Rodrigues (todos de Franca); 3.º tema — Dr. José Justino Castilho, Dr. Ary Lex e Sr. Hernani T. Sant'Ana (todos da Capital).

**Regulamento sobre as teses:** Chamamos a atenção dos interessados para o que reza a letra b, 1.º §, do artigo 10.º do Regulamento da Concentração: "As teses devem conter, no mínimo, 2 folhas de papel amassado escritas à máquina, em dois espaços, e no mínimo 4 folhas".

As teses que não satisfizerem a essas condições não serão tomadas em consideração.

#### NOITE DE CONFRATERNIZAÇÃO

**Reunião de Mocidades** — Patrocinado pelo Dep. de Mocidades da USE realizou-se em 5 de dezembro último, no salão da Federação Espírita, a "Noite de Confraternização" das Mocidades da Capital. O programa contou de agradáveis números de arte executados pelo Coral da Escola de Evangelho da Federação e de palestras realizadas pelos confrades José Parada, da UJELAN, Jarbas Viegas, da M.E. "3 de Outubro"; Paulo T. Machado, da LAPP e Apolo Oliva Filho, da UMESP, que discorreram sobre temas relativos à educação juvenil, assistência social, organização de Mocidades e propaganda do Espiritismo.

A referida reunião contou com a presença de cinco entidades juvenis, represen-

tantes do Conselho Metropolitano, das UDES e de um grande público.

x x x

**Sêlo da VIII Concentração:** O Conselho Diretor está realizando intensa propaganda para o êxito da reunião do próximo ano; foi lançado neste mês um sugestivo sêlo, impresso em cor azul, com o desenho de um livro aberto recebendo os raios luminosos do Evangelho. Os interessados em adquirir esses sêlos, gratuitamente, devem escrever para a Secretária do C.D. — R. Dr. Almeida, 359 — Jundiá, S. P., onde também serão fornecidas informações detalhadas sobre essa reunião de confraternização.

## CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

### Reunião Organizada no dia 19-2-1954

Estiveram presentes:

#### DIRETORIA EXECUTIVA:

Luiz Monteiro de Barros, J. Herculano Pires, Carlos Jordão da Silva, Luiza Pessanha Camargo Branco, Paulo Toledo Machado, Waldomiro da Silva Santos e Abraão Sarraf.

#### ENTIDADES PATROCINADORAS:

F.E.E.S.P. — Emílio Manso Vieira e Ary Lex.  
L.E.E.S.P. — Arthur de Souza Reis e Euripedes de Castro.  
SINAGOGA; — José Panetta e Pietro Salvino Passarolla.

#### CONSELHO METROPOLITANO:

Brás: — Hermínio Pavanello e Nelson de Lucca.  
Lapa: — João José Cabreira e Paulo Toledo Machado.  
Mooca: — Rubens de Souza e Monir Stephan.  
Osasco: — José Augusto Gregório e Salvador Taranto.  
Vila Mariana: — Olegário Ribello Candetas.  
Cambuci: — Nancy Puhlmann.  
Tatuapé: — Abraão Sarraf.  
Guaiunazes: — Luiz Fermino e Paulo Rezende.

#### CONSELHOS REGIONAIS

1.ª — Capital — Altivo Ferreira.  
2.ª — Sorocaba — Gustavo Selberg.  
3.ª — Campinas — Alcides Sarmento.  
5.ª — Casa Branca — Angelo Pio da Silva.  
7.ª — Araraquara — Flavio Pinheiro.  
8.ª — Bauri — Roberto Previdello.  
9.ª — Ribeirão Preto — Jaime Monteiro de Barros.  
11.ª — S. José do Rio Preto — José de Giacomo.  
12.ª — Araçatuba — Cassu Ubirajara.

#### RESOLUÇÕES

##### Estatutos e Regimentos:

que sejam impressos os estatutos e mimeografados os regimentos, na forma apresentada pela D.E., para distribuição imediata.

##### Jornal "UNIFICAÇÃO":

Que seja suprimido o desconto de 25% dados às UMEs, e UDEs., para colocação do jornal "UNIFICAÇÃO", devido à atual situação financeira da USE;  
que cada região realize trabalho para obtenção de, pelo menos, mais 50 assinaturas;  
que sejam realizadas campanhas sistemáticas de divulgação do jornal, abrangendo todas as sociedades e pessoas espíritas. Os agentes da campanha serão os órgãos constitutivos da USE em todo o Estado de São Paulo;  
que seja feito exame das matérias publicadas, em reuniões regulares, nas sociedades adesas de todo o Estado, dando pareceres escritos em face das finalidades da USE, os quais serão encaminhados às UMEs ou UDEs, destas aos Conselhos e destes à D.E. — indicando Conselho de Redação — não os pareceres ajuntados, mas uma crítica baseada, regional e trimestral;

##### Selos

que seja feita campanha do Sêlo da USE, sistematicamente, por todos os órgãos constitutivos e pelos seus membros, no Estado, como responsáveis e interessados;  
obrigação mínima para o consumo de 50 selos mensais por unidade da USE (UME, UDE, etc.);  
autorizar a fusão das UDES da Penha e do Tatuapé.

# ERNEST RENAN

## SUA OBRA

João TEIXEIRA DE PAULA

Ernest Renan muito escreveu e muito publicou. Não podíamos terminar este ligeiro estudo renaniano sem deixar de dar aos Confrades uma relação, tanto quanto possível completa, das obras do nosso autor. Quantos livros escreveu ele? Que há dêle em língua portuguesa? Muitos o conhecem (quando o conhecem) através apenas das obras relativas às origens do Cristianismo. Elas é que lhe deram nome e renome. Mas quem quiser saborear Renan em toda a sua pujança humanística, há por força de tomar conhecimento de outras obras suas.

O nosso intuito porém não é mostrar isto aos estimados Confrades que, com palavras de estímulo e louvor, nos acompanharam até aqui. Desejamos apenas apresentar-lhes uma relação dos seus livros publicados no original ou em tradução em língua vernácula. A maioria foi publicada ainda em vida dêle; outros póstumamente. Alguns dos trabalhos relacionados são meros artigos depois compaginados.

Eis tudo quanto Renan publicou até o ano de 1892, quando então desencarnou:

### RELAÇÃO

1 — 1848, mai. Le libéralisme clérical, dans la Liberté de penser (recueilli dans Questions contemporaines).

2 — 1848, sept., déc. De l'origine du langage, *ibid.*

3 — 1849, juvier. Les Congrégations "de auxiliis", *ibid.*

4 — 1849, mars, avril. Les historiens critiques de Jésus, *ibid.* (recueilli dans *Études d'histoire religieuse*).

5 — 1849. Prononciation grecque (Éclaircissements tirés des *Études sur les langues sémitiques*).

6 — 1852. Averroès et l'averroïsme (thèse pour le doctorat)

7 — 1852. De philosophia peripatetica apud Syros (thèse complémentaire).

8 — 1855. Histoire générale et système comparé des langues sémitiques.

9 — 1857. Études d'histoire religieuse.

10 — 1858. Mémoire sur l'origine et le caractère véritable de l'histoire phénicienne qui porte le non de Sanchoniathon.

11 — 1858. De l'origine du langage.

12 — 1858. Le livre de Job, traduit l'hébreu avec une étude sur l'âge et le caractère du poème.

13 — 1859. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques.

14 — 1859. Essais de morale et de critique.

15 — 1860. Le Cantique des Cantiques, traduit de l'hébreu avec une étude sur le plan, l'âge et le caractère du poème.

16 — 1862. Henriette Renan. Souvenir pour ceux qui l'ont connue (réimprimé sous le titre "Ma soeur Henriette" en tête des *Lettres intimes*).

17 — 1863. Vie de Jésus. Histoire des origines du christianisme. Livre I.

18 — 1864. Mission de Phénicie.

19 — 1865. Histoire littéraire de la France au XIV siècle (en collaboration avec V. Le Clerc).

20 — 1866. Les Apôtres. Histoire des origines du christianisme. Livre II.

21 — 1868. Questions contemporaines.

22 — 1869. Saint Paul. Histoire des origines du christianisme. Livre III.

23 — 1871. La Réforme intellectuelle et morale.

24 — 1873. L'Antéchrist. Histoire des origines du christianisme. Livre IV.

25 — 1876, 15 mars. Souvenir d'enfance. I. Le broyeur de lin (Revue des Deux Mondes)

26 — 1876, 1.<sup>o</sup> décembre. Souvenir d'enfance. II. Prière sur l'Acropole. Le Bonhomme Système et la petite Noëmi (*ibid.*).

27 — 1877. Les Evangiles et la seconde génération chrétienne. Histoire des origines du christianisme. Livre V.

28 — 1878. Melanges d'histoire et de voyages.

29 — 1878. Caliban, suite de la *Tempête*.

30 — 1879. L'Eglise chrétienne. Histoire des origines du christianisme. Livre VI.

31 — 1880. L'Eau de Jouvence, suite de *Caliban*.

32 — 1880. Conférences d'Angleterre.

33 — 1880, nov. Souvenirs d'enfance et de jeunesse. III. Le petit séminaire Sanit-Nicolas du Chardonnet (Revue des Deux Mondes).

34 — 1881. Marc-Aurèle. Histoire des origines du christianisme. Livre VII.

35 — 1881, 15 déc. Souvenir d'enfance et de jeunesse. IV. Le Séminaire d'Issy (Revue des Deux Mondes).

36 — 1882. L'Éclésiaste, traduit de l'hébreu avec une étude sur l'âge et le caractère du livre.

37 — 1882, 15 nov. Souvenir d'enfance et de jeunesse. V. Le Séminaire de Saint-Sulpice. VI. Premiers pas hors de Saint-Sulpice. L'hôtel de Mademoiselle Céleste. La pension du faubourg Saint-Jacques (Revue des Deux Mondes).

38 — 1883. Souvenir d'enfance et de jeunesse.

39 — 1883. Histoire des origines du christianisme. Index général avec une carte de l'extension du christianisme vers l'an 180.

40 — 1884. Nouvelles études d'histoire religieuse.

41 — 1885. Le Prêtre de Nemi.

42 — 1886. L'Abbesse de Jouarre.

43 — 1887. Discours et conférences.

44 — 1887. Histoire du Peuple d'Israël, tome I.

45 — 1888. — Drame philosophiques.

46 — 1889. Histoire du Peuple d'Israël, t. II.

47 — 1890 L'avenir de la science, Pensées de 1848.

48 — 1891. Histoire du Peuple d'Israël, t. III.

49 — 1892. Feuilles détachées, faisant suite aux Souvenirs d'enfance et de Jeunesse.

### PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS

50 — 1893. Histoire du Peuple d'Israël, t. IV.

51 — 1893. Histoire de Pauple d'Israël, t. V.

52 — 1896. Lettres intimes (1842-1845), précédées de: Ma soeur Henriette.

53 — 1898. E. Renan et M. Berthelot. Correspondance (1847-1892).

54 — 1899. Études sur la politique religieuse du règne de Philippe le Bel.

55 — 1892. Lettres du Séminaire (1838-1846).

56 — 1904. Mélanges religieux et historiques.

57 — 1906. Cahiers de jeunesse (1845-1846).

58 — 1907. Nouveaux cahiers de jeunesse (1846).

59 — 1908, jarvier. Observations et faits psychologiques (Revue bleue). Recueilli dans *Travaux de jeunesse*.

60 — 1908. Patrice, fragment de roman (Revue des Deux Mondes). Recueilli dans *Fragments intimes et romanesques*.

61 — 1911. Philosophie antésocratique (Revue bleue).

62 — 1911. Réflexions historiques... Fragments inédits (Athéna).

63 — 1914. Fragments intimes et romanesques.

64 — 1920. Essai psychologique sur Jésus-Christ (Revue de Paris, 15 sept.).

65 — 1922. De l'imitation de la Bible dans *Athalie* (Revue de Paris, août).

66 — 1923. Notes de jeunesse (1846). (Revue de France, fév. e mars).

67 — 1923. La philosophie écossaise (Journal de psychologie normale et pathologique, avril).

68 — 1923. Nouvelles Lettres intimes (1846-1850).

69 — 1925. E. Renan. Lettres à son frère Alain (1943-1857).

70 — 1926. Correspondance. Tome I (1846-1871).

71 — 1926. Sur Corneille, Racine et Bossuet (Les Cahiers de Paris).

72 — 1927. Voyages. Italie (1849). Norvège (1870).

73 — 1928. Correspondance. Tome II (1872-1892).

74 — 1931. Travaux de jeunesse (1843-1844).

75 — Lettres de Renan à l'abbé Billion (Revue des Deux Mondes).

### COMPUTO GERAL

Se excetuarmos os trabalhos avulsos, publicados em revistas e jornais (números 1, 2, 3, 4, 25, 26, 35, 36, 37, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67 e 75 da relação supramencionada), veremos que Ernest Renan publicou, ao todo, cinqüenta e sete obras! Tais trabalhos avulsos, compaginados, poderão dar alguns tantos volumes, de maneira que ninguém poderá fazer um cómputo exato, senão aproximado, do número de obras de Renan, número esse que só chegaremos a conhecer exatamente quando da publicação das obras completas que do avô está fazendo a Sra. Henriette Psichari, filha de Noëmi e J. Psichari.

### EDIÇÃO DEFINITIVA

Até a presente data, a Sra. Henriette Psichari já publicou, em edição definitiva, vinte e três volumes em seis tomos, assim distribuídos:

I tomo (1947):

1 — Questions contemporaines

— 2La Réforme intellectuelle et morale

3 — Dialogues philosophiques  
4 — Discours et Conférences

II tomo (1948):

5 — Essais de Morale et de Critique.

6 — Mélanges d'histoire et de voyages

7 — Souvenirs d'enfance et de jeunesse.

8 — Feuilles détachées.

III tomo (1949):

9 — Averroès et l'averroïsme

10 — Drame philosophiques.

11 — L'avenir de la Science.

IV tomo (1949):

12 — Vie de Jésus.

13 — Les apôtres

14 — Saint Paul.

15 — L'antéchrist

V tomo (1952):

16 — Les Évangiles.

17 — L'église chrétienne.

18 — Marc Aurèle.

VI tomo:

Histoire du peuple d'Israel (1953)

19 — I volume.

20 — II volume.

21 — III volume.

22 — IV volume.

23 — V volume.

TRADUÇÃO em língua portuguesa. O que há de Ernest Renan traduzido em língua portuguesa é, salvo engano nosso, o seguinte:

I — Vida de Jesus. Tradução de F. J. Vieira de Sá Júnior e Eduardo Augusto Salgado.

II — Os Apóstolos. História das origens do Cristianismo, segundo livro, desde a morte de Jesus até às grandes missões de S. Paulo. Tradução de Eduardo Augusto Salgado, revista por Tomás da Fonseca.

III — S. Paulo. Tradução do Dr. Campos Lima, revista por Tomás da Fonseca.

IV — O anticristo. Tradução do Dr. Campos Lima.

V — Os Evangelhos e a segunda geração cristã. Tradução do Dr. Eduardo Pimenta.

VI — A Igreja Cristã. Tradução do Dr. Eduardo Pimenta.

VII — Marco Aurélio e o fim do mundo antigo. Tradução de Eduardo Pimenta.

VIII — Cartas íntimas: 1842-1845. Precedidas de *Minha irmã Henriette*. Tradução de Osório Borba; introdução de Machado de Assis, Rio de Janeiro, 1946.

IX — O futuro da Ciência. Introdução de Osvaldo Vieira de Campos, Salvador (Bahia) 1950.

X — Páginas seletas. Traduzidas, coligadas e comentadas por Elói Pontes, Rio de Janeiro, 1945.

XI — Recordação da infância e juventude. Tradução de Osório Borba, Rio de Janeiro, 1944.

— o o o —

Aqui pomos o esperado ponto final em a nossa resenha da vida e obra de ERNEST RENAN. Sem dúvida pouco dissermos dêle. Não seria a nossa pena, no meio espírito, a mais indicada para tal fim. Se algo escrevemos sobre êle é por certo porque outros o não fizeram e temos de nós para nós que Renan não podia continuar por mais tempo a ser assim tão pouco ou nada conhecido no joão-galamarte espiritual.

Ernest Renan, o "célebre orientalista e cristólogo", como lhe chamou Luis Büchner, escreveu, ao terminar uma de suas obras: *Finito libro sit laus et gloria Christo*. Parodiando-lhe as palavras, podemos dizer agora: Escreveu-se este aranzel para louvor e glória de Cristo.

Aproveite-o quem quiser ou mande-o ao cesto de papéis inúteis.